

28º - CONSCIÊNCIA DOS MORTOS

1ª Tessalonicenses 4.13-18 - Há pouco tempo os noticiários contaram a história de uma mulher norte-americana que ficou em coma durante vinte e seis anos. No dia de Natal acordou. Ela agiu como se nada tivesse acontecido ou se o tempo não tivesse passado desde que sofrera o acidente que a levou ao coma. Ela esteve desligada do mundo real todo o tempo em que esteve no coma.

O estado de morte (tempo entre a morte e a ressurreição) a que a pessoa fica exposta é um mistério. Nós não sabemos nada, posto que os depoimentos que temos é de pessoas como a mulher citada acima. O problema é que essa mulher estava viva, apesar de estar em coma. Lázaro, que esteve morto por quatro dias, bem que podia ter-nos registrado a sua experiência para que soubéssemos um pouco mais sobre o assunto. Mas não registrou.

Há, no entanto, algumas pessoas que estiveram mortas por um período muito curto e o seu depoimento é que dos minutos em que esteve clinicamente morto não se lembra de nada. Foi como se não tivesse vivido aquela experiência. Foi como se estivesse desligada do tempo.

O apóstolo Paulo conta sua experiência. Ele fora apedrejado e quase morreu. Na cidade chamada Listra, onde foi apedrejado, ele foi tido como morto por seus algozes. No fim da sua vida ele conta que foi arrebatado aos céus. Não conta se foi nesse dia ou não. Ele mesmo questiona a natureza da sua experiência, *“Se no corpo ou fora do corpo eu não sei”* ou seja, *“Se tive uma visão ou foi uma experiência real eu não sei”*.

Paulo conta que teve uma visão do céu, ou do que seria o céu para ele. Ele teve uma experiência extraordinária e marcante. O que resta saber é se ele foi mesmo ao céu ou imaginou o céu (como que num sonho), ou, ainda, se teve uma visão do céu, como aconteceu com o apóstolo João, que registrou sua experiência no livro do Apocalipse. O que sabemos de Paulo é que ele estava vivo ao ter essa experiência, pois o texto diz que ele foi tido por morto, não diz que ele estava morto. Então, se queremos discutir o estado da alma na morte não podemos usar essa experiência de Paulo, porque ele estava vivo.

Hoje vamos tratar de outro aspecto do estado intermediário da alma. Pesquisaremos nos textos bíblicos **SE OS MORTOS ESTÃO OU NÃO CONSCIENTES**.

Usei textos no estudo passado que nos levaram a crer que as almas dos mortos não vão para seu destino eterno logo após a morte, ou seja, elas esperam a ressurreição para que corpo e alma, juntos, entrem no céu ou sejam lançadas no inferno. Mas mesmo sendo levado para essa conclusão fica impossível afirmar ser esta a verdade absoluta, posto que esse é um período da existência humana que Deus reservou para o seu exclusivo conhecimento.

Vimos que é possível afirmar as duas posições usando textos bíblicos. Sendo assim, a conclusão a que chegaremos é que a **única afirmação possível, sem risco de errar, é dizer**

que “a alma de quem morreu está sob os cuidados de Deus, e só”. Qualquer afirmação sobre esse assunto, que vá além disso, corre o risco de não estar correta.

O que colocou em dúvida a nossa argumentação foi o fato de Moisés ter aparecido vivo e consciente diante de Jesus, no monte da transfiguração. Esse acontecimento único de aparição de uma pessoa morta é significativo e nos obriga a termos muito cuidado nessa pesquisa. Não queremos, de forma alguma, fazer afirmações que não condigam com a verdade.

O fato do céu e do inferno serem destinos finais da alma e não locais de permanência provisória, nos faz crer que as almas são guardadas por Deus (Ec 12.7) até que chegue o dia do julgamento final, quando então, nesse dia, Deus unirá novamente as almas aos seus respectivos corpos, então os homens (Corpo e Alma) voltarão à vida para receberem o veredicto do Juízo Final.

Esse é o nosso assunto e esta é a nossa dúvida. Sabemos que após a ressurreição todos voltaremos à vida e à consciência, mas a dúvida recai no estado intermediário, no período em que os mortos continuam mortos, aguardando a ressurreição e o Juízo Final.

A dúvida é: **Em que estado está a alma: Está consciente ou não?**

No estudo passado tomei uma posição contrária à habitual para mostrar que usando a Bíblia é possível afirmar o contrário do que a maioria afirma. Farei o mesmo agora. Com isto eu pretendo mostrar que se alguém defende o contrário não é um inimigo e até pode estar certo na sua defesa.

Defenderei a inconsciência da alma para mostrar que esse também é um assunto que não cabe afirmações finais e arrogantes. Ele também faz parte dos mistérios de Deus e sendo assim as afirmações pertencem a Deus e não a nós.

Usarei uma série de textos que afirmam que a pessoa morta não tem nenhuma ingerência nos acontecimentos desta vida ou na sua própria vida após a sua morte. Não pode lamentar-se e muito menos louvar a Deus. O morto não pode pedir socorro. Não se recorda de Deus e para eles perecem todos os seus desígnios. É como num show onde enquanto os portões estão abertos você pode entrar e participar do espetáculo, mas que ao fechar os portões todas as esperanças se findam.

A morte é o fechamento dos portões para a comunicação com Deus e com os homens. É o fim das oportunidades para pedidos de perdão ou misericórdia. Todas as ações em favor do homem terminam quando ele morre.

A clareza exposta nesses textos sobre o estado de morte impressiona. Se o defensor dessa ideia estiver errado em sua argumentação, resta-lhe um consolo: Não estará lutando contra o que lhe parece tão claro nos textos bíblicos como esses que continuaremos a estudar.

Um texto muito forte a respeito da inconsciência da alma é o de Isaías 38.18,19. O texto que iremos estudar faz parte do Cântico do rei Ezequias, registrado por Isaías. Esse rei, estando já diante da morte, foi salvo pela misericórdia de Deus. Recebeu mais 15 anos de vida. Por essa graça recebida ele canta louvores a Deus e diz que durante sua vida continuaria a louvá-lo, mas diz também que: *“A sepultura não te pode louvar, nem a morte glorificar-te; não esperam em tua fidelidade os que descem à cova. Os vivos, somente os vivos, esses te louvam como hoje eu o faço”*.

O nosso catecismo responde dessa maneira à pergunta: *“Qual o fim principal do homem? Glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”*. Já o texto de Isaías diz que os mortos não louvam nem glorificam a Deus. Entende-se disto que o fim principal do homem é glorificar a Deus, pelo que o texto ensina, durante a vida e não no seu estado de morte.

O texto vai além. Ele diz que *“Os mortos não esperam pela fidelidade do Senhor”*. Toda a ação do homem está firmada na fidelidade de Deus. No Salmo 113, o salmista diz que clamou ao Senhor porque sabia que Deus *“ouve e se inclina”* em seu favor. É um clamor firmado na fidelidade do Senhor. Mas como o texto nos ensina que a esperança do homem na fidelidade de Deus se finda quando o homem morre. Aí não há mais clamor do homem e muito menos louvores pelas ações divinas.

Como disse, esse é um texto de argumentações muito fortes em relação à inconsciência dos mortos. Ezequias, diz: *“Os vivos, somente os vivos, esses te louvam como hoje eu o faço”*.

Nossa doutrina é firmada na Bíblia e ela é a nossa única regra de fé e prática. Não devemos ignorar as suas palavras. Temos de crer no que ela nos ensina e o que ela nos ensina nesse e em outros textos é que: *“Somente os vivos é que louvam a Deus”*.

- Sl 115.17 – *“Os mortos não louvam o Senhor, nem os que descem à região do silêncio. Nós, porém, (os vivos) bendizemos ao Senhor”*.

A Bíblia é rica em textos que dizem que nos céu há louvor perpétuo ao Senhor. Todos os que entrarem nos céus terão motivos para dar louvores contínuos ao Senhor. Mesmo os vivos já desejam e louvam ao Senhor, enquanto vivem, é o que o salmo diz. Mas ele acrescenta um espaço de tempo neutro. Um tempo em que o Senhor não será louvado. Será que nesse tempo, estando na presença do Senhor, as almas não prestarão culto a Deus? O Salmo em questão afirma que o morto não pode louvar ao Senhor. Estão na *“Região do silêncio”*. Somente o vivos é que louvam, e sabemos que os ressurretos no céu o farão também, mas os mortos não!

- Sl 6.4,5 – *“Volta-te Senhor, e livra a minha alma; salva-me por tua graça. Pois, na morte, não há recordação de ti; no sepulcro, quem te dará louvor?”*

Esse versículo aprofunda mais a questão. Ele diz que os mortos não somente não prestam louvores a Deus como também não se lembram do seu Criador. Se estivesse

defendendo a consciência dos mortos, ao discutir esse versículo eu teria dificuldades em explicá-lo. É difícil imaginar uma situação como essa. A teoria habitual defende que ao morrer o justo ele vai direto para o paraíso, para junto do Pai.

Algumas pessoas por não conseguirem defender o que a Confissão de Fé ensina e para arrumar um jeitinho de dar alguma explicação, na sua defesa criaram um céu inferior ou um paraíso não tão bom quanto o céu e um inferno não tão ruim quanto o inferno definitivo. A Bíblia não ensina a existência desse paraíso ou lugar de castigo intermediário – existe apenas um céu e um inferno.

O defensores desta tese defendem que os justos, enquanto estiverem mortos, aguardarão a ressurreição na presença de Deus, para posteriormente poderem entrar na plenitude do céu. Na sua defesa dizem que os justos mortos louvam ao Senhor. Se é assim, então, como é que aqueles que estão na presença do Senhor podem não se lembrar dEle? – *“Na morte, não há recordação de ti”*.

Desde a conversão os cristãos estudam a Palavra de Deus e buscam estar em comunhão com Ele. Mas as vezes, pelo fato de não ver Deus materializado diante de seus olhos, os cristãos se esquecem de Deus e agem como se não estivessem em Sua presença. Mas para aqueles que estão no céu não possui possibilidade de esquecerem-se de Deus. No céu é impossível ignorar a presença de Deus, posto que no céu a luz existente é provinda do próprio Deus. Esse fato impede a afirmação de que seria possível uma alma justa, na presença visível de Deus, não se lembrar dEle. Isso somente acontecerá se a alma do morto não estiver consciente enquanto está guardada por Deus.

- Sl 146.4 – *“Sai-lhes o espírito, e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia, perecem todos os seus desígnios”*.

Quando o homem morre *“nesse mesmo dia, perecem todos os seus desígnios”*. O homem não ora mais, não implora mais, não pede mais perdão ou misericórdia, não louva a Deus por suas graças, não exalta o poder de Deus até o dia em que voltar à vida, na ressurreição, pois *“Na morte perecem todos os seus desígnios”*.

Enquanto vive o homem planeja conquistar seus projetos e luta para alcançá-los enquanto tem forças, mas chega um dia em que ele é vencido pela morte. Nesse dia findam-se as tentativas de investir na vida eterna. Muitos buscam viver uma vida de boas obras, de fidelidade e obediência na tentativa de alcançar bens espirituais. Os bens espirituais foram conquistados por Cristo na cruz e as ações humanas são nulas para conquistas de bens eternos. O homem só recebe o que já lhe foi conquistado por Jesus – Dele somos dependentes. Mas mesmo aqueles que buscam, por si, conquistar algo junto a Deus, são obrigados a desistir dos seus planos na hora da morte.

- Sl 30.9 - *"Que proveito obterás no meu sangue, quando baixo à cova? Louvar-te-á, porventura o pó? Declarará ele a tua verdade".*

O salmo 30 é intitulado: Ações de graças pela libertação da morte. Nele o salmista louva a Deus pela proteção recebida, estando ele em perigo de morte. Diz: *"...Me cingiste de alegria, para que o meu espírito te cante louvores e não se cale. Senhor, Deus meu, graças te darei para sempre".*

Aqui ele diz que Deus lhe fez o bem para que continuasse a dar louvores ao Senhor para sempre, ou seja, enquanto estivesse vivo, pois no versículo nove ele já tinha dito que Deus não teria proveito na sua morte, pois enquanto estivesse morto ele não louvaria ao Senhor e muito menos propagaria as verdades de Deus aos outros homens.

Jó 3.13-19 - *"Porque já agora repousaria tranquilo; dormiria, e, então, haveria para mim descanso, com os reis e conselheiros da terra que para si edificaram mausoléus; ..., os maus cessam de perturbar, e, ali, repousam os cansados. Ali, os presos juntamente repousam e não ouvem a voz do feitor. Ali, estão tanto o pequeno como o grande e o servo livre de seu senhor".*

Jó registra sua crença no descanso das tribulações no estado de morte. Ele diz que os ímpios não fazem mais suas impiedades e os maus não podem colocar em prática a sua maldade enquanto estiverem mortos. Ele fala de um tempo onde os pobres e ricos, sábios e néscios, velhos e crianças são todos iguais e estão na mesma condição. Podem descansar dos males deste mundo.

Jó defende que esse estado não é permanente, pois no capítulo 19.26-27, ele registra sua esperança de encontrar-se com o Senhor após a sua ressurreição. O descanso das tribulações, para os ímpios, acabarão quando ressuscitar e for lançado no tormento eterno, após o julgamento do Senhor. Para os ímpios a morte é algo desejável, tanto é que no dia da volta de Jesus eles desejarão para si a morte, mas não conseguirão morrer mais.

"Qual será a esperança do ímpio, quando lhe for cortada a vida, quando Deus lhe arrancar a alma? Acaso, ouvirá Deus o seu clamor em lhe sobrevivendo a tribulação (morte)?

Jesus disse: *"Vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e encontrarei descanso para vossas almas".* Esse é um belo texto bíblico e muito procurado pelas pessoas que estão em tribulação. Ele retrata a disposição de Jesus em ouvir e dar o alívio para as almas necessitadas. Mas o texto de Jó nos desperta para uma dura realidade: *"Os ímpios não serão ouvidos depois que morrerem".*

Do mesmo modo que os justos não louvam ao Senhor e não esperam pela fidelidade do Senhor na morte, também cessa aos ímpios a oportunidade de clamar por socorro e por perdão. Enquanto vivem as oportunidades oferecidas aos homens são diversas. Muitas delas são desperdiçadas porque os homens não se interessam por elas.

O tempo de ouvir, clamar e arrepender-se é agora. *"Acaso ouvirá Deus o seu clamor em lhe sobrevindo a morte?"* Quando morrer não adiantará mais orações, velas ou missas. Os clamores e intercessões em favor dos homens cessam na sua morte. Foi o que fez o rei Davi: Orou por seu filho doente enquanto estava vivo. Após saber da sua morte parou de orar. Acabou o tempo das intercessões.

Sabendo que os projetos dos homens se findam na morte Salomão registrou em Eclesiastes 9.10 - *"Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma"*.

Na morte não há manifestação de sabedoria ou conhecimento. Na morte não se fazem projetos. Na morte se espera passivamente e inconscientemente enquanto é guardado por Deus até que chegue o dia marcado por Ele para o retorno à vida.

CONCLUSÃO

Esse assunto não é tão claro como podemos imaginar. Deuteronômio 29.29 diz: *"As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei"*. Creio que esse é um assunto que pertence aos mistérios de Deus que não foi revelado ao homem com a clareza que necessitamos. Sob os textos bíblicos nós tiramos as nossas próprias conclusões e nossa conclusão pode estar certa ou errada. Por isto é que há outras teses a respeito desse assunto.

Chego ao final desse estudo consciente de que as respostas encontradas nestes textos por um defensor da inconsciência da alma são possíveis, porém não podem ser defendidas como verdade definitiva e absoluta. Da mesma forma que quem defende a consciência da alma têm a sua tese possível, mas também com afirmações passíveis de contestação. Se ambas as respostas podem ser contestadas o melhor é ficar com a afirmação de que o ESTADO INTERMEDIÁRIO DA ALMA É UM MISTÉRIO DE DEUS, NÃO REVELADO CLARAMENTE AOS HOMENS.

Basta-nos saber que quando morreremos estaremos guardados por Deus. Se estaremos com Deus, então estaremos na melhor das companhias. Se caminharmos além desse ponto estaremos correndo o risco de fazer afirmações incorretas.

A Confissão de Fé de Westminster, símbolo de fé da Igreja Presbiteriana do Brasil, diz o seguinte: *"Os corpos dos homens, depois da morte, voltam ao pó e vêem a corrupção; mas as suas almas (que nem morrem, nem dormem), possuindo uma substância imortal, voltam imediatamente para Deus que as deu. As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas em santidade, são recebidas no mais alto dos céus onde contemplam a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção de seus corpos; e as almas dos ímpios são lançadas no*

inferno, onde permanecerão em tormentos e em trevas espessas, reservadas para o juízo do grande dia. Além destes dois lugares destinadas às almas separadas de seus respectivos corpos, as Escrituras não reconhecem nenhum outro lugar”.

A discussão a respeito da inconsciência da alma parece ferir o texto da Confissão de Fé de Westminster. Alguns estudiosos podem contestar o ponto de vista do defensor da inconsciência da alma. O problema é que para defender a consciência da alma são usados “*Textos provas*” que não provam o que eles dizem. A rebeldia do defensor da inconsciência da alma não é menor do que a rebeldia de outros que, não podendo afirmar o que a Confissão de Fé afirma (que a alma vai direto para o céu) criaram um céu e um inferno inferiores, de gozo e sofrimento em menor escala. Creio que se alguém diz que defende o texto da Confissão de Fé, na íntegra, terá de defender que a alma entra no lugar definitivo, que a Bíblia diz que só se entrará após o Julgamento Final, e que a Confissão de Fé afirma que a alma entra logo após a morte.

Não creio que a defesa contrária ao texto da Confissão de fé seja uma rebeldia. Creio que esse assunto não ocupou muito o tempo dos teólogos de Westminster. Talvez não tenham dado tanta importância a ele. O problema enfrentado e combatido por eles era o purgatório e por isso fizeram a afirmação sobre os dois lugares de destinos da alma – Céu e Inferno. Seguido da afirmação de que: *“Além destes dois lugares destinadas às almas separadas de seus respectivos corpos, as Escrituras não reconhecem nenhum outro lugar”.*

Isto digo, baseado no texto da própria Confissão, página 160, que diz: *“Os justos irão, **então**, para a vida eterna, e receberão aquela plenitude de alegria e refrigério procedentes da presença do Senhor; mas os ímpios, que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho de Jesus Cristo, **serão lançados** nos eternos tormentos e punidos com destruição eterna, provenientes da presença do Senhor e da glória de seu poder”.* O uso do “*então*” e “*Serão lançados*” deixa claro que os teólogos de Westminster criam na entrada posterior à ressurreição nos céus e no inferno, quando então os salvos louvarão ao Senhor por toda a eternidade e os ímpios penarão no sofrimento eterno.

Como disse, todas as teorias sobre o estado da alma podem estar certas ou erradas. A confirmação só virá posteriormente. Vou descrever **minha opinião**, mas desde já, aviso ao leitor que ela é baseada **no meu conhecimento e na minha interpretação de textos bíblicos**. Não é um ensino final e incontestável. **Servirá apenas como mais uma teoria a ser estudada.**

Se discutisse o texto e não expusesse a minha opinião, você mesmo poderia dizer: Mas pastor, o senhor falou, falou e não falou! Qual a tua ideia sobre esse assunto?

A minha ideia é que não podemos afirmar que a alma está consciente, da mesma forma que não podemos negar a sua consciência. **Assuntos como esse são mistérios de Deus.** Deus

não se preocupou em deixar explicações com afirmações claras a respeito. Todas as posições sobre esse assunto são argumentações humanas, podendo ser questionadas e devendo ser estudadas.

Vou explicar o meu entendimento do assunto. O que me parece é que ao morrer o homem não terá consciência até o dia da sua ressurreição, a menos que Deus interrompa essa inconsciência por breve ou longo tempo, de acordo com Sua vontade, sendo isso perfeitamente possível pelo fato da alma estar viva.

Penso na morte como um estado de coma. No coma a pessoa está viva, mas o corpo está totalmente inerte e sem sentidos. A pessoa pode voltar a consciência a qualquer momento, mas no momento está inconsciente.

Creio que na morte também é assim. O corpo morto repousa no túmulo enquanto se decompõe. Sua alma viva permanece guardada por Deus. O corpo não pode ter consciência ou sentir algo, pois está desprovido da alma que lhe dá vida. A alma que foi dada por Deus ao homem é imortal. Mesmo na morte ela não morre. Ela fica guardada por Deus à espera do juízo. A existência da alma está ligada à vida do corpo. O seu estado é um mistério.

A alma do homem, estando viva, após a morte do corpo, pode ter consciência ou não, depende da vontade de Deus e não da vontade da alma. Aí pode entrar o caso de Moisés que apareceu vivo após sua morte, na transfiguração de Jesus.

Também é o que sugere Apocalipse 6.9-11. Ao abrir o 5º selo João diz que viu as almas dos mártires falando com Deus e depois voltaram ao seu estado de inconsciência até o dia determinado – *“Lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo...”*.

Observe o texto com atenção e verá que o clamor do texto acima, das almas sob o altar, pode ser uma forma alegórica, pois o que clama é o sangue. Em Gênesis 4.10, Deus diz: *“Que fizeste? A voz do sangue de te irmão clama da terra a mim”*.

Pode não ter havido clamor algum de nenhuma alma, apenas a presença do sangue derramado dos mártires, que exige justiça, como o salário dos trabalhadores retido por seus patrões *“Clama a Deus”* (Tg 5.4). Salário clama? A injustiça com os trabalhadores exige justiça. O sangue derramado exige a punção do suicida.

Altar é o lugar de sacrifício e o sangue dos crentes fiéis martirizados foi derramado no Altar de Deus. Se sacrificaram à Deus. João viu as almas ou o sangue dos mártires sob o altar? Clamaram por justiça as almas ou foi o sangue derramado sob o altar que clamava?

Particularmente não creio num lugar onde as almas esperam a ressurreição, muito menos que fiquem depositadas sob o altar. As almas aparecerem em Apocalipse 6.9-11 sob o altar porque o sangue foi derramado em sacrifício a Deus e caiu debaixo o altar. A alma está sob os cuidados de Deus. Eclesiastes diz que as almas vão para Deus, não diz que Deus tem um depósito onde guarda as almas.

Penso na morte como um sono profundo de um homem exausto pelo trabalho que ao cair exausto na cama dorme por horas. A lembrança dos momentos vividos por esse homem se limitam ao momento em que fechou os seus olhos, ao dormir, e o momento em que abriu seus olhos, ao acordar. O tempo do sono é como uma não existência. Não há lembrança desses momentos. O tempo, neste caso, é totalmente ignorado.

Pensando assim, o período entre a morte e o retorno à vida na ressurreição é uma espécie de não existência. O salmo 39.13, diz: *“Desvia de mim o olhar, para que eu tome alento, antes que eu passe e deixe de existir”*. É um período que, para a pessoa que morreu, é como se não existisse. A alma do morto não se alegrará, nem se entristecerá. Não louvará a Deus, nem sofrerá as penalidades do seu erro. A alma aguarda a ressurreição sob os cuidados divinos, tendo sido fiel ou um ímpio em sua vida.

E onde as almas permanecem nesse período de tempo? Não há a necessidade de um local de espera, estão apenas sob os cuidados de Deus. O homem foi criado por Deus quando o mundo já existia. O tempo do homem é contado por anos, meses, dias, horas, minutos e segundo. O corpo é material e está preso ao tempo.

A alma é espiritual. A alma deixa esse tempo (Cronos) e vai para o tempo eterno de Deus (Kairós). O tempo de Deus é diferente do nosso. É eterno. *“Um dia é como mil anos e mil anos como um dia”*. Estando sob o tempo de Deus a alma perde a contagem do tempo humano. É como se o tempo não passasse. O tempo da morte do corpo, para a alma, no meu entendimento, não passará de um abrir e fechar de olhos.

Se essa argumentação estiver correta, uma pessoa que tenha morrido a dois ou três mil anos e uma pessoa que tenha morrido horas atrás, retornarão à vida, na ressurreição, como se tivessem acabado de fechar os seus olhos na morte. Será como se o tempo não tivesse passado. Será como o tempo entre o dormir e o acordar de um sono profundo de alguém vivo, que dorme e acorda sem ver a hora passar.

Quando Jesus Cristo retornar para buscar os seus servos Deus unirá as almas aos seus respectivos corpos, agora transformados, e os levará para junto de Si, para eternamente gozarem da Sua presença. Quanto aos ímpios, nesse dia, terão seus corpos corruptíveis de volta e sofrerão, com eles, por toda a eternidade.

O mais importante nesta discussão é afirmar que devemos viver nossa vida com muita responsabilidade. Devemos andar com Deus em todo o tempo, cuidando do testemunho e aproveitando as oportunidades para crescermos como servos. O tempo de buscas termina na morte. Esta é uma verdade incontestável.

Findamos assim esse assunto sobre o estado intermediário. Continuamos a pesquisar e a discuti-lo, pois esse é um assunto que nos intriga, mesmo sabendo que respostas concretas nós só as teremos quando estivermos na presença de Deus. Mas a Bíblia está a disposição de

todos e todos devemos nos debruçar sobre ela na busca de todos os assuntos que despertam a nossa curiosidade.

Que Deus nos dê o entendimento correto de Sua Santa Palavra.